



“Hoy Lo Intentaré”: As Relações Performáticas na “Convivência Dulce Amargo” de Dulce María¹

Rafael Chagas Lins²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

Por meio da análise de performance proposta por Diana Taylor (2013), este artigo levanta alguns questionamentos estéticos e performáticos sobre as relações interpessoais que estão presentes no *meet & greet* e, mais especificamente, no evento fechado para fãs, chamado de “Convivência Dulce Amargo”, com participação da cantora mexicana Dulce María, realizado em abril de 2015 em São Paulo. Conceitos como percepção e experiência estética de Martin Seel (2014), filosofia do amigo de Agamben (2009), produção de presença de Hans Gumbrecht (2009) e drama social de Victor Turner (2008) foram utilizados para iluminar este fenômeno comercial da indústria do entretenimento.

Palavras-chave: *meet & greet*; performance; experiência estética; presença; entretenimento.

Em abril de 2015, a cantora mexicana Dulce María, ex-integrante do grupo RBD, veio ao Brasil para realizar um único *show* na cidade de São Paulo. Durante a passagem pelo país, ela também fez uma ação promocional de seu livro *Dulce Amargo: confesiones de una adolescente*, lançado no início do mesmo ano. Uma tarde de autógrafos estava programada para acontecer na livraria FNAC do bairro de Pinheiros, além de um encontro pago com fãs chamado peculiarmente de “convivência”.

Essa convivência, exclusiva para pagantes, aconteceu no hotel Staybridge Room, acomodação padrão *business* de São Paulo, com entradas que custavam R\$ 1.200,00 por pessoa. Fãs de várias cidades se deslocaram até a capital paulista para

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Consumo, Comunicação e Subjetividade, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Bacharel em Publicidade e Propaganda pela UNICAP. Mestrando do PPGCOM/UFPE em Estéticas e Culturas da Imagem e do Som. Atua profissionalmente como Gerente de Marketing da Companhia Editora de Pernambuco. E-mail: rafaelchagaslins@gmail.com.



participar desse momento com a artista - o quarto nesse formato que acontecera no país. Por ter participado dessa convivência, e por especialmente me interessar na dinâmica do *meet & greet* enquanto potencializador de consumo da música *pop* latina no Brasil (LINS, 2015), presenciei uma série de relações interpessoais naquele ambiente.

Define-se *meet & greet* como “o momento quando os fãs podem encontrar seus ídolos, conversar, tocar [...] e tirar fotos com eles, tudo em um período curto de tempo, geralmente, menos de cinco minutos” (AMARAL, SOUZA e MONTEIRO, 2014). O *meet & greet* proporciona ao público o contato mais próximo possível do artista, em um ambiente completamente controlado, minimizando, assim, eventualidades indesejadas. No entanto, uma série de elementos centrais e periféricos atuam nesse “objeto”, tornando-o um campo de disputas e confraternizações, não apenas entre fã e artista, mas entre os próprios fãs, entre produção da artista e fãs, entre artista e produção etc. São várias as tensões estabelecidas entre esses sujeitos, problematizando um evento “frívolo”, mas colocando-o em um potencial evento de experiência estética.

Neste artigo, utilizarei a performance enquanto metodologia de análise de fenômenos, seguindo as diretrizes apresentadas por Diana Taylor:

A performance também constitui a lente metodológica que permite que pesquisadores analisem eventos *como* performances. Obediência cívica, resistência, cidadania, gênero, etnicidade e identidade sexual, por exemplo, são ensaiados e performatizados diariamente na esfera pública. Entender esses itens *como* performance sugere que a performance também funciona como uma epistemologia. (TAYLOR, 2013, p. 27)

O roteiro da “Convivência Dulce Amargo” de Dulce María será organizado de forma que os seis pontos de atenção indicados pela autora sejam contemplados: 1) cena: descrição do espaço físico que a performance acontecia; 2) corporalidade dos atores sociais: descrição dos indivíduos participantes no evento; 3) ação/comportamento: reação dos atores sociais diante das situações que surgiam ao longo da convivência; 4) sistemas multifacetados: maneiras que os atores sociais conseguiriam replicar aquele fenômeno; 5) situação do autor/leitor em relação ao evento; e 6) reativação: apresentação do fenômeno de forma que ele possa ser repetido sem que, necessariamente, seja copiado.



“Nada pido, sólo acércate y escúchame un ratito”

[...] acredito que por estar agora em uma posição onde muitos adolescentes podem escutar minha voz, quero deixar-lhes uma mensagem, e que saibam que por ter essa carreira, não sou alheia e diferente. [...] também conheço o amor, a alegria, a amizade, as bênçãos, os presentes da vida — *que são gratuitos*. (MARÍA, 2014, p. 8, grifo nosso)

21 de abril de 2015, São Paulo. No saguão do hotel, os hóspedes de paletó deram lugar a uma quase centena de crianças, adolescentes e adultos que estavam ali para fechar um tipo não muito comum de negócio. Dulce María, mexicana, era parte essencial, já que sua presença era fundamental para concretização do acordo. Objeto do contrato: um pouco de intimidade comprada entre os presentes.

Apesar de parecer estranho, não falo aqui de encontros íntimos como os que costumam acontecer em hotéis. Dulce, que é cantora, compositora e atriz, estava no país para divulgar seu livro, *Dulce Amargo: recuerdos de una adolescente*, e realizar o último *show* da turnê *Sin Fronteras* no Brasil, resultado do segundo álbum como cantora solo, após o término do grupo RBD, fenômeno midiático latino que conseguiu se destacar no mercado *mainstream* brasileiro entre os anos de 2005 e 2008. Na ocasião, a produção da artista repetiu, mais uma vez, um formato peculiar de monetização com o público fiel da mexicana: a “Convivência Dulce Amargo”.

A prática de conhecer cantores e bandas em seus camarins deixou de ser exclusivamente promocional para se tornar mais uma fonte de renda da indústria da música. A “convivência” com Dulce María, por exemplo, gerou uma receita bruta estimada em R\$ 106.800,00³. Some a isso os ingressos vendidos da apresentação musical e as vendas do segundo livro escrito pela cantora. Certamente, o *meet & greet* com a artista representa uma importante fatia no faturamento final da turnê.

Mas por que convivência e não *meet & greet*? O argumento de venda desse evento, em detrimento do outro, é o tempo próximo à cantora e a possibilidade de uma

³ Por estar presente na convivência, pude confirmar a quantidade total de pagantes com a produção do evento. Foram 89 pessoas, cada uma pagando R\$ 1.200,00 líquidos para a produtora. Houve, ainda, a cobrança de taxas de conveniência para aqueles que adquiriram o acesso pelo site Clube do Ingresso.



interação mais “densa” do que nos *meets & greets* “tradicionais”. Enquanto que o tempo com o artista em um *meet & greet* é limitadíssimo, na convivência com Dulce María você não só pode ter seu momento “de glória” como, também, assistir aos outros fãs terem seus momentos individuais e admirar aquela presença naquele espaço e naquele contexto. Sim, poder estar presente na experiência alheia é tão gratificante para aquele grupo de pessoas como é na experiência pessoal. É o que decidi apelidar de fã *voyeur*.

Outro ponto de diferenciação entre *meet & greet* e convivência é a segunda etapa do evento, que costuma durar entre 20 e 30 minutos e tem uma dinâmica similar à de uma coletiva de imprensa: a produção ou a própria Dulce María escolhem alguns fãs para que façam perguntas de qualquer tipo e que serão respondidas ou não. Esse é o momento que, talvez, mais se aproxime do nome daquele evento. Para a artista, aquilo pode ser mais uma entrevista performatizada para que pareça íntima. Para os fãs, é um momento de confraternização com a cantora e, principalmente, contemplação.

Por ora, gostaria de pinçar duas palavras que parecem ser essenciais em contextos como o *meet & greet*: experiência e presença. A primeira refere-se diretamente ao evento, ao fato de se *sentir* algo em determinada situação. A segunda, sobre a necessidade latente de se *estar* ali, estar *próximo*. As duas palavras fazem ainda mais sentido quando analisadas sob a ótica de Martin Seel (2014) e Hans Gumbrecht (2009), tratando-as como elementos estéticos fundamentais à vida cotidiana.

A admiração por um artista se dá por inúmeras chaves, mas a contínua busca pela presença física costuma ser uma das que mais alimentam a idolatria do fã. Independente do produto produzido pelo artista, a busca pelo “eu verdadeiro”, de carne e osso, e que nem sempre tem relação direta com a obra, é item motor na relação do fã. Gumbrecht, ao estabelecer que sua noção de presença vai além da “metafísica”, ou seja, que a presença compreende um espaço tangível e factível, diz que:

[...] a nossa relação com as coisas (e especificamente com artefatos culturais) nunca é apenas uma relação de atribuição de sentido. Enquanto usarmos a palavra “coisas” para nos referirmos ao que a tradição Cartesiana chama “*res extensae*”, também e sempre viveremos dentro e conscientes de uma relação espacial com estas coisas. As coisas podem estar “presentes” ou “ausentes” para nós, e se elas estão “presentes” elas podem estar perto ou longe de nossos



corpos. Chamando-as de “presentes”, então, no sentido original do latim “prae-esse”, estaríamos afirmando que as coisas estão “em frente” de nós, sendo assim tangíveis.” (GUMBRECHT, 2009, p. 12)

No caso dos *meets & greets*, é o embate das presenças frontais e corporais do artista e do fã o elemento-chave para transformação daquele determinado período de tempo em um fenômeno de experiência estética. Seel (2014, p. 7), para definir uma experiência estética, utiliza-se de um conceito filosófico de evento, afirmando que “[os eventos] no sentido mais restrito acontecem quando uma ocorrência específica adquire significado de uma forma específica em um determinado momento histórico ou biográfico”. Esses eventos, que “interrompem o *continuum* do tempo” (SEEL 2014, p. 7), são justamente os que diferenciam os episódios cotidianos de atenção a algo (percepção estética) daqueles que geram algum sentimento em relação a algo que se torna um importante episódio na vida do indivíduo (experiência estética).

Essa distinção feita por Martin Seel entre percepção e experiência estética pode ser analisada como uma “passagem de nível”. Quando a percepção “paralisa” o tempo e torna-se um momento quase que epifânico — e aqui temos uma relação direta com a fala de Gumbrecht (2009, p. 16), quando ele apresenta a epifania como a amálgama da linguagem responsável pela presença intrusiva e inesperada —, ela torna-se experiência. Considerando o *meet & greet* como uma forma de linguagem, temos nele a manifestação de algo que está tanto ausente como presente. Essa epifania explorada por Gumbrecht caminha de mãos dadas com a frágil sensação de proximidade ao sujeito imaginado e intangível, mas que, naquela situação, está simultânea e temporariamente tangível, existente entre fã e artista durante o *meet & greet*.

O mercado do entretenimento romantiza o encontro com determinados artistas, transformando a situação em algo exclusivo e único na vida. Quando acontece, o indivíduo inevitavelmente procura formas de “eternizar” aquele instante: seja através de fotos, relatos publicados na Internet, papéis assinados etc. Há a necessidade da tangibilização do momento, uma prova de que o que era (ou parecia ser) impossível agora tornou-se possível (SEEL, 2014). Os relatos verbais e textuais feitos por fãs pós-experiências desse tipo funcionam como um resgate do passado. Essa é a linguagem



que, segundo Gumbrecht, pode criar o efeito de presença do passado no agora, de tornar presente o que se tornou ausente (2009).

Vamos nos ater a atuação dos dois principais agentes do *meet & greet* e desconsiderar os agentes periféricos (segurança, produção, imprensa etc.): o indivíduo dotado de fama (artista) e o indivíduo admirador do outro (fã, curioso etc.). Um provoca interesse no outro, mas, no momento que os dois interagem, a atenção é voltada para o encontro entre eles, não diretamente sobre eles. A *potência* do evento, portanto, é a interação (não apenas a contemplação) entre os dois agentes. É a interação que transforma o *meet & greet* em uma experiência estética.

Apesar da situação teórica entre *meet & greet* e experiência estética aparente possuir um alto grau de afinidade, problematizações devem ser feitas para a avaliação desse fenômeno no contexto atual. Seel (2014) utiliza como condição necessária para o surgimento da experiência estética o fator “imprevisibilidade. Ora, se o momento de encontro com o artista pode ser adquirido com meses de antecedência e planejado financeira e sentimentalmente, ele ainda assim pode ser considerado como um fenômeno de experiência estética?

Ao conversar com alguns dos fãs de Dulce María na saída da convivência, a impressão que tive foi de suspensão de tempo. Principalmente para aqueles que estavam ali pela primeira vez, o tão esperado (curto) encontro pareceu uma eternidade, no bom sentido. Essa falsa impressão de tempo é uma “fissura no mundo interpretado” (SEEL, 2014, p. 7). O tempo, que já é abstrato, torna-se ainda mais difuso em um momento de assimilação de experiência estética. É por essa abstração que os indivíduos, em contato com os ídolos, precisam passar para eternizar memórias — e aqui, mais uma vez, a presença e interação física com o outro como epicentros dessa explosão estética.

“Es imposible imaginar mi vida ya sin ti”

Para Turner, ao escrever nas décadas de 1960 e 1970, as performances revelavam o caráter mais profundo, mais verdadeiro e mais individual da cultura. [...] Para outros, evidentemente, o termo significa justamente o oposto: o caráter construído das performances indica sua artificialidade - ela é algo “simulado”, antitético ao “real” e “verdadeiro” (TAYLOR, 2013, p. 28)



Estava lá, em uma grande sala branca e bem iluminada. O piso cinza, carpetado, permitia que o ambiente permanecesse sóbrio. Cadeiras confortáveis, acolchoadas, cor vinho, organizadas em fileiras. Em uma das extremidades, uma grande mesa de madeira com mais quatro cadeiras atrás dela. Na outra, um *backdrop* promocional com as marcas da W+ Entretenimento (produtora responsável por trazer a cantora Dulce María ao Brasil) e do hotel Staybridge Room, e, em cada lado dele, um *banners* com fotos da artista acompanhada do título de seu álbum.

O clima era tenso. As pessoas estavam entrando na sala e sentando-se onde queriam - preferencialmente próximas à grande mesa. Queriam ficar o mais próximo possível do local que, evidentemente, estaria a mexicana. Mas todos ali sabiam que estavam descumprindo regras. Quem acessasse o site oficial do evento, encontraria, de forma clara e objetiva, a informação: “2) Será realizado um sorteio antes do início da convivência que determinará a posição de cada participante próximo a artista⁴”. Quando todos os 89 fãs se acomodaram aleatoriamente nas cadeiras, os que entraram por último começaram a questionar à produção e os outros participantes sobre as regras. “Vocês aí da frente não querem fazer um sorteio porque não querem correr o risco de virem aqui pra trás, né?”, eles acusavam. E era verdade. Eu, que estava sentado na segunda fileira, próximo à mesa, demonstrei apoio ao sorteio. Escutei: “se você não se importa em ficar perto, fica quieto que a gente se importa”.

Durante o jogo de ironias e reivindicações entre os que eram a favor e os que eram contra a reorganização da sala, uma fã “líder” do grupo (vamos chamá-la de Carol), tomou a frente da situação. Vestida com uma camiseta branca e uma saia de tule preta, ela segurava um pato de pelúcia, alguns presentes embrulhados, e um inseparável pau-de-*selfie*. Foi até a mesa principal da sala, sentou na cadeira central e começou a votação. Repleta de argumentos contra o sorteio (ela estava sentada próxima à mesa), a fã pediu que as pessoas a favor de uma reorganização da sala levantassem a mão e a maioria acatou a sugestão. Diante do ato democrático, todos se retiraram da sala para

⁴ Disponível: <http://www.dulcemarianobrasil.com/amargo.php>. Acesso em 27 de fevereiro de 2016, 22h32.



que a produção do evento pudesse reorganizar a sala de forma que o auditório se tornasse um “U”, com as cadeiras ao redor da mesa principal.

Enquanto todos os fãs esperavam para entrar novamente na sala e ter seu lugar reservado, Carol abordava-os, um a um, para negociar posições, reafirmar que aquela seria a sexta vez que ela participava de um encontro com Dulce María ou que a convivência se resumiria a ela e a cantora — “vocês vão ver”, instigava. Era previsível, portanto, que ela necessitava não apenas da atenção de Dulce, como também de todos os outros fãs. Carol é dona de um grupo de *WhatsApp*, aplicativo de celular para troca de mensagens, com os fãs *habitués* de convivências dos ex-RBDs (esse tipo de evento é bastante comum quando esses artistas visitam o país), e foi ela quem organizou uma surpresa que deveria ser executada por todos os presentes. Enquanto estávamos na recepção do hotel, antes mesmo de entrarmos na sala de conferência, Carol estava distribuindo imagens fotocopiadas de Dulce María que deveriam ser levantadas em momentos específicos da música “Sou Fã”, da dupla sertaneja Christian e Cristiano. A hora de cantar durante a convivência seria informada por ela, claro.

Apesar de todo esse esforço para, de alguma forma, atrair para si os olhares da cantora, quando perguntei para Carol se ela preferiria ser amiga ou fã de Dulce, ela escolheu a segunda opção. Argumentou que, se fosse amiga da cantora, ela não sentiria o mesmo “amor” que sente hoje pela artista. No mínimo, curioso. Giorgio Agamben (2009), em determinado trecho de seu livro “O que é o contemporâneo? e outros ensaios”, analisa um quadro de Giovanni Serodine exposto na Galeria Nacional de Arte Antiga em Roma para interpretá-lo como uma espécie de alegoria para a amizade:

O que é, de fato, amizade senão uma proximidade tal que dela não é possível fazer nem uma representação nem um conceito? Reconhecer alguém como amigo significa não poder reconhecê-lo como “algo”. Não se pode dizer “amigo” como se diz “branco”, “italiano” ou “quente” - a *amizade não é uma propriedade* ou uma qualidade de um sujeito. (AGAMBEN, p. 85, 2009, grifo nosso).

Ser amiga de Dulce María, utilizando-se da análise de Agamben, significaria, para Carol, abrir mão da posse momentânea sobre a artista nos *meets & greets*. Ser amiga de Dulce María, nesse caso, faria com que Carol perdesse toda a atenção



comprada (e garantida por regulamento) da artista e ficasse à mercê da disponibilidade do indivíduo social. Ser “amiga” significaria ser “mais uma amiga”.

Vamos voltar ao momento de reorganização da sala de *meeting* do Staybridge Room. Foi organizada uma fila na entrada do espaço e cada fã, à medida que tinha seu acesso liberado, retirava um papel de uma bolsa plástica que indicaria qual das cadeiras ele poderia sentar. O método, por ter sido feito às pressas, seguiu com dificuldade. Membros da produção não sabiam ao certo qual cadeira pertencia a qual fileira e, por conta disso, algumas recolocações foram feitas ao longo do processo de entrada.

Enquanto as pessoas iam sentando ao meu lado, tive a oportunidade de conhecer outros fãs e tentar entender um pouco mais o perfil daquele grupo. Uma característica, no entanto, era muito clara: aquele evento era uma verdadeira peregrinação. Não estavam ali apenas residentes na capital paulistana. Fãs de Salvador, Florianópolis, Curitiba, Recife, Belém e outras cidades tinham viajado para contemplar Dulce María. Apesar de se referir às peregrinações religiosas, Victor Turner (2008) aponta alguns fatores como facilitadores de eventos com essas características, tais como o avanço nas comunicações, disseminação e facilidade no acesso a meios de transporte modernos e o impacto da mídia de massa no turismo. Os pontos levantados por Turner transformaram o entretenimento ao vivo em templos modernos, capazes de atrair verdadeiros devotos à santuários efêmeros na esperança de verem a aparição de seus ídolos. A “peregrinação do fã”, ao considerarmos fãs como uma comunidade, faz parte do processo de formação de identidade daquele indivíduo, “nos quais ocorre um desenvolvimento da natureza e da intensidade dos relacionamentos entre os membros do grupo de peregrinação e seus subgrupos” (TURNER, 2008, p. 156). Experienciar situações como essas e viver cada etapa da peregrinação, pode fazer parte dos ritos de passagem deste grupo social, permitindo que cada pessoa, através dos fenômenos de percepção e experiência estética, tenham seus processos particulares de liminaridade.

Rostos conhecidos pelos fãs começaram a entrar na sala do hotel. Primeiro, o proprietário da W+ Entretenimento. Logo em seguida, uma amiga pessoal de Dulce María que costuma acompanhar a artista durante suas turnês. Aquelas duas entradas



significavam apenas uma coisa: ela estava chegando. Carol, ao perceber as entradas, saiu de sua cadeira (que, apesar de ter tentado, não ficou tão próxima da mesa), entregou um presente a cada um e conversou rapidamente com a dupla.

Mais uma vez, o clima era tenso. A tensão era nervosa, silenciosa e, ao mesmo tempo, ruidosa. A qualquer momento, Dulce María entraria pela porta e os fãs teriam a oportunidade de vê-la, trocar algumas palavras, tirar fotos com ela. Enquanto os fãs permaneciam atentos à movimentação, a amiga da artista começou a avaliar o espaço e, aparentemente, não aprovou o formato que o auditório estava estruturado. Para chegar até a mesa, depois de cumprir com a etapa “*meet & greet* tradicional” da convivência, Dulce María teria que atravessar o centro da sala e passar entre as cadeiras onde os fãs estavam acomodados. Essa situação não pareceu segura o suficiente e o formato do evento foi novamente alterado. Não houve diálogo com o público, muito menos remanejamento de posições.

Depois de uma longa espera, eis que a porta se abre novamente e, de lá, surge a cantora mexicana, com seus cabelos vermelhos, recém-chegada de uma gravação para um *talk show* brasileiro. Vestida de maneira bastante casual, se não fosse a maquiagem e penteado, Dulce María foi recepcionada pelos fãs com (muitos) gritos, *flashes* e acenos. Sua entrada na sala teve uma recepção do público muito semelhante à sua primeira aparição no *show* que aconteceu no dia seguinte, na casa de *shows* Audio Club. Ela foi ovacionada. Aquela reação dos fãs me fez perceber que, mesmo com um objetivo de estar próximo, quase que íntimo dela, eles ainda a viam como um objeto de apreciação. Eles estavam a tratando como a tratavam em um palco.

Saudando-os com um rápido aceno, Dulce foi encaminhada para uma cadeira, igual a do público, que estava ao lado de outra, vazia, e em frente aos *banners* promocionais. Ao sentar, a produção pediu um pouco de silêncio. A cantora agradeceu a presença de todos e o apoio ao longo de sua carreira. Eventualmente, ela era interrompida por gritinhos histéricos de “eu te amo!”, “linda”. Estávamos, de fato, num *show*. Um membro da produção local informou que os encontros particulares,



registrados com foto, seriam organizados pelas fileiras. Além dessa informação, a produtora relembrou algumas regras do evento, tais como:

- 1) A cantora Dulce María receberá um seletto grupo de pessoas (...). No mínimo 1 hora e sem tempo determinado para termino (sic); [...]
- 3) Cada participante receberá um livro “Dulce Amargo Recuerdos de Una Adolescente” para ser autografado pela artista (...);
- 4) Será permitido a cada participante fazer perguntas a artista sobre o livro, suas inspirações, interagir e tirar 2 (duas) fotos individuais, (...) tiradas pelo fotógrafo oficial da convivência (...);
- 5) Será permitido o uso de câmeras fotográficas para fotografias e filmagens sem uso de flash durante a convivência.⁵

Apesar da regra oficial informar que o livro seria o item autografado pela cantora, foi permitido que os fãs escolhessem qualquer outro objeto para autógrafo, com a condição de que apenas um objeto fosse autografado. A partir daí o processo foi longo, lento e repetitivo. Basicamente, os fãs eram liberados para que se sentassem ao lado de Dulce, trocassem algumas palavras com ela, posassem para o fotógrafo, entregassem seus presentes e conversassem mais um pouco enquanto o autógrafo era dado nos objetos. Nada muito fora do padrão. Os encontros duravam, em média, 1 minuto cada (a minha “interação” durou exatos 42 segundos) e, se passado o tempo, um dos seguranças convidava o fã a se retirar da cadeira.

Foram poucos os momentos que fugiram a esse padrão: durante uma das conversas, Dulce soltou um discreto espirro que veio acompanhado de uma reação do público típica de quando se assiste algo “fofo”. Em outro momento, a cantora estava prestando bastante atenção na história de uma fã, o que fez que o encontro passasse de um minuto. Ao perceber que o segurança estava indo em direção à garota para retirá-la, a cantora o interrompeu. Isso foi um ápice para o público que participava daquela conversa passivamente. Gritos de apoio e comentários do tipo “Tá vendo? Ela realmente se importa com a gente” não pararam de pipocar ao meu redor.

Havia uma preocupação declarada (e genuína) entre os participantes sobre o que eles pretendiam falar para a cantora e de que forma eles deixariam alguma lembrança

⁵ Disponível: <http://www.dulcemarianobrasil.com/amargo.php>. Acesso em 27 de fevereiro de 2016, 22h32.



nela. Queriam sair daquele momento com memórias reais, possíveis de serem compartilhadas através de vídeos e fotos e testemunhadas por outros fãs presentes. Pelo o que pude perceber, a principal estratégia de obtenção de atenção é o vitimismo (foi o caso da menina que teve um *plus* em seu tempo de *meet & greet*). Histórias de superação, de como a música ou a artista em si supostamente ajudaram o fã em algum momento difícil, ou o desabafo sobre qualquer assunto (doenças, decepções amorosas, enfrentamentos familiares etc.) costumam ser ditas na hora do contato individual. Eles utilizam o momento como uma sessão de terapia que, ao invés da busca pela auto-compreensão, almeja-se o toque delicado e o olhar interessado da analista. Não interessa ali o diagnóstico/conselho dado por Dulce María: o que interessa é o nível de interação física e emocional que o fã conseguiu conquistar. Alguns fãs utilizaram outras ferramentas de atenção: presentes inusitados. Um fã de Belém levou uma caixa repleta de iguarias do Norte do Brasil — que arrancou uma expressão um tanto quanto peculiar da cantora. Outra, optou pelo fator choque e presenteou a artista com *lingeries* e brinquedos sexuais (esse foi um dos poucos presentes não mostrados ao público). No jogo da atenção, tudo é válido.

Após o momento *meet & greet* da convivência, Dulce María permaneceu sentada na cadeira que estava e a produção retirou a cadeira, agora vazia, ao lado dela. Os fãs foram convidados por ela a se sentar no chão e ao seu redor: sem sorteios, sem local marcado e, surpreendentemente, sem reclamações. Os locais mais próximos à artista foram escolhidos aleatoriamente, assim como no início do evento, mas, dessa vez, pacificamente. De alguma forma, o fato da própria Dulce María ter convidado o público a descumprir as regras tornou o ato permissível. Victor Turner (2008, p. 165), ao discorrer sobre a representação simbólica das peregrinações, afirma que elas são um dilema entre escolha e obrigação em uma ordem social que é definido pelo *status* prevalecente. Aqueles indivíduos estavam em suas jornadas particulares e a artista representava o ser de maior influência do ambiente: estavam ali por causa daquela presença, afinal. Talvez, por esse fato, a “ordem social” tenha permanecido estável naquele momento, mesmo contrariando o acordo prévio.



Durante 20 minutos, alguns fãs puderam fazer perguntas dos mais variados conteúdos (“você vai mudar a cor do cabelo?”; “como foi ser jurada de um *reality show* musical?”, “você mudou de agente artístico?” etc.). Dulce María respondeu todas as perguntas feitas. Poucos foram os momentos constrangedores. Carol, nossa fã-líder, pediu autorização para fazer uma surpresa. A cantora, apreensiva, permitiu. Carol, que momentos antes de falar já havia pedido a uma colega que filmasse a cena, começou a cantar a música “*Lo Intentaré*” da mexicana. Depois que conseguiu que todo o grupo cantasse em coro, junto com a artista, Carol sentou-se novamente e, no mesmo instante, pegou a câmera para conferir como havia ficado a filmagem.

A última pergunta foi anunciada. Enquanto um dos fãs falava, o *manager* de Dulce María sinalizou aos membros da produção e da segurança que aquela seria, de fato, a última pergunta. Enquanto ela pensava em uma resposta para “depois de tantas conquistas, qual o seu sonho?”, os fãs (antes, pacientemente sentados) começaram a chamar freneticamente pelo nome da artista. Clamavam por Dulce à medida que iam se levantando de seus lugares, como se preparassem para um ataque. O segurança pessoal chama o *manager* e fala algo em seu ouvido. Logo em seguida, começa a pedir que os fãs abrissem caminho até a porta de saída. Assim que a cantora termina a resposta, o *manager* toca em seu ombro, diz algo em seu ouvido, ela se levanta rapidamente e os fãs começam a chamá-la novamente — dessa vez, completamente em pé e avançando em sua direção. Dulce María deslizou para a saída de forma tal que mal conseguiu se despedir. Aquele ambiente, em menos de 1 minuto, de repente tornou-se hostil.

O desejo de *recuperar uma proximidade existencial a dimensão material das coisas* pode muito bem ser uma reação ao nosso cotidiano contemporâneo, [...] em que modernas tecnologias de comunicação possibilitaram a onipresença. (GUMBRECHT, 2009, p. 21, grifo nosso)

Os fãs estavam diante de um apagamento da presença. Eles seriam forçados, então, a se contentar novamente com a onipresença tecnológica da artista, como apontado por Gumbrecht, mas que nada mais é do que uma presença simulada, imaterial. Eles, naquele momento, estavam entrando em um estágio de nostalgia.



“Nostalgia comercializada força uma compreensão de tempo específico. Tempo é dinheiro” (BOYM, p. 62, 2001). Esse trecho do livro “*The Future of Nostalgia*” de Svetlana Boym se refere à nostalgia na cultura *pop*. Os *meets & greets* realizados por artistas nada mais são do que a exemplificação clara de que tempo, na indústria do entretenimento, é dinheiro. Quanto “maior”, mais caro. Aquele tempo acabou; para tê-lo novamente, apenas comprando quando outra oportunidade surgir. Até lá, eles terão que se contentar com o arquivo gerado naquela experiência de formação de repertório.

4 “*Las palabras ya van a sobrar aquí*”

Neste trabalho, através da metodologia de análise proposta por Diana Taylor (2013), tentei trazer à tona alguns elementos teóricos relacionados à estética e performance, como os conceitos de percepção e experiência estética de Martin Seel e drama social de Victor Turner, por exemplo, relacionando-os diretamente com o fenômeno em si. Dessa forma, foi possível descrever e analisar o fenômeno simultaneamente, levantando questionamentos e colocando-o em uma posição de produto cultural frutífero para análises comunicacionais e de consumo.

Dessa observação, pude identificar algumas estratégias de relacionamento entre fã e artista. Marwick e Boyd (2011) definem “celebridade” como uma prática de performance orgânica e em constante mutação: “esta prática envolve a manutenção contínua de uma base de fãs, a intimidade performatizada, acessibilidade, autenticidade e a construção de uma persona consumível”. Da mesma forma que o artista cria uma “persona” que seja palatável aos gostos do público, os fãs, por sua vez, em contato com os ídolos, também criam “personas” que sejam críveis aos julgamentos.

Não é, de maneira alguma, um artigo com pretensão de ser um guia prático para análises de fenômenos como o *meet & greet*. Utilizando-me das palavras do arquiteto Fumihiko Maki (1964), “esse trabalho não contém respostas, mas busca perguntar as questões corretas para desenhar futuras discussões”. O *meet & greet* carrega em si várias potências: a relação entre fã e artista além do produto cultural, a formação e criação de identidades sociais do público, a compra de memórias e as novas formas de



monetização da indústria do entretenimento através da experiência estética. São essas potências, portanto, que pretendo trazer à luz nos estudos de Comunicação.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AMARAL, Adriana; SOUZA, Rosana Vieira de; MONTEIRO, Camila. “De Westeros no #vempraruá à shippagem do beijo gay na TV brasileira”. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2644-1.pdf>>. Acesso em: 21 de setembro de 2014, às 14h.

BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.

Dulce María no Brasil! - 21 e 22 de abril de 2015. 2015. Disponível em: <<http://www.dulcemarianobrasil.com>>. Acesso em: 27 fev. 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 3, p. 10-22, set. 2009.

LINS, Rafael Chagas. *O meet & greet* como intensificador da experiência do *show* de música *pop*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

MARÍA, Dulce. **Dulce amargo: recuerdos de una adolescente**. Cidade do México: Ediciones Urano, 2014.

MARWICK, Alice, BOYD, danah. To See and Be Seen: Celebrity Practice on Twitter. Convergence. **International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 17(2), p. 139–158, 2011. Disponível em <http://www.tiara.org/blog/wpcontent/uploads/2011/07/marwick_boyd_to_see_and_be_seen.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016

SEEL, M. No Escopo da Experiência Estética. In: PICADO, Benjamin; CAMARGOS, Carlos e CARDOSO FILHO, Jorge. **Experiência Estética e Performance**. Salvador: Edufba, 2014. p. 3-15.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Tradução: Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Tradução: Fabiano de Moraes. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.